mocidade
portuguesa
feminina
Foto San-Payo

BOLETIM MENSAL ✶ ASSINATURA AO ANO, 12$00 ✶ PREÇO AVULSO, 1$00

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. M. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Bençãos do Natal

TEM o ar acariciador duma festa muito nossa, festa intima de familia, em que as almas comungam entre si, em horas pacificas e despreocupadas, a Festa do Natal.

Até os que se supõem superiores e friamente indiferentes ao influxo da fé, sentem e vivem a sua benéfica acção.

Enche-se a alma da penetrante e doce poesia das coisas religiosas, nessa data festiva. Há presépios ingénuos nas igrejas, nas casas levantam-se outros presépios, carregadinhos de brinquedos e de luzes, e os corações transbordam de alegria.

De perto e de longe, chegam os membros dispersos da familia, para saborear o calmo e inocente prazer de um convivio sagrado, que a voz do sangue reclama.

Por muito que se seque o coração nas asperezas ingratas das inquietações da vida; por grandes e inteligentes que sejam as campanhas destinadas a transformar a Festa do Natal em comemoração profana — não se consegue abafar, e muito menos matar, a alma desta Festa, que é fundamentalmente religiosa.

E' como um grito de fé, no turbilhão insano do mundo. Todavia, sentindo-se embora a poesia religiosa que o Natal encerra, falta muitas vezes a aguda compreensão dêste mistério augusto.

O Natal começou por ser drama, drama que foi luz, luz que se fez redenção. O Natal foi a Epifania da misericórdia do Verbo, que incarnou, para remir o mundo pecador.

Quando se realizou a plenitude dos tempos anunciados pelos Profetas, nasceu o Menino Jesus, Messias Salvador, que os povos ansiosamente esperavam. Havia nove meses que o Verbo incarnara, no seio sacratissimo da Virgem Imaculada. Em Nazaré se dera o facto portentoso. Em Belem manifestava-se ao mundo atónito a realização do mistério. E o mundo, representado por Maria e por José, depois pelos pastores, e logo a seguir pelos Magos, que vieram do Oriente longinquo, alumiados por estrêla de milagre, o mundo adorou comovidamente o Deus Menino, deitado em pobres palhas dum presépio.

A Incarnação é mistério sublime de amor. Com razão se diz estar esse amor divino concretizado em três passos da vida do Senhor: Belém, Calvário, Eucaristia.

Fàcilmente se compreendem os extremos de amor que representam o Calvário e a Eucaristia. A agonia desolada da cruz, e o silêncio profundo do Tabernáculo são provas claras dum sacrificio que só um amor infinito pode impor. Quanto ao nascimento, não se vê geralmente, com igual compreensão, a prova de amor que êle representa.

No entanto, se pensarmos na humilhação de Deus que se faz carne, do Verbo que assume as fraquezas e enfermidades da natureza humana, sentir-se-á a verdade da palavra forte do Apóstolo, para quem o Verbo, tornando-se Homem, verdadeiramente se aniquilou.

Fica assim esclarecido aquele Amor supremo que desde Belém, e até mesmo desde Nazaré, se sujeita a um sacrificio supremo.

Tôda a grandeza no mundo supõe um sacrificio. Até a luz das lâmpadas que alumiam o santuário, saiu do drama dos lagares, onde foi triturada a azeitona.

Cada homem é o sacrificio das mãis, cada acção meritória do homem é um esforço, porventura heroico, da vontade.

Era necessário o drama de Jesus para que a humanidade, sombria e condenada no seu pecado de origem, repetido, na ronda dos séculos, nos seus pecados actuais, fôsse inundada pelos clarões da Graça.

O drama, aos nossos olhos, começa em Belém. Um artista célebre, com visão aguda das realidades espirituais, pintou o presépio, alumiado pela projecção duma grande cruz.

Nasceu o Menino e logo sôbre Ele incidiu o pêso de todos os pecados do mundo.

A mesma realidade se encontra expressa nas palavras de «Imitação»: Tota vita Christi crux. *E' cruz tôda a vida do Senhor — cruz adivinhada em Belém; cruz realizada em trinta e três anos de trabalhos, de fadigas apostólicas, de pesados sacrificios; cruz consumada no Calvário.*

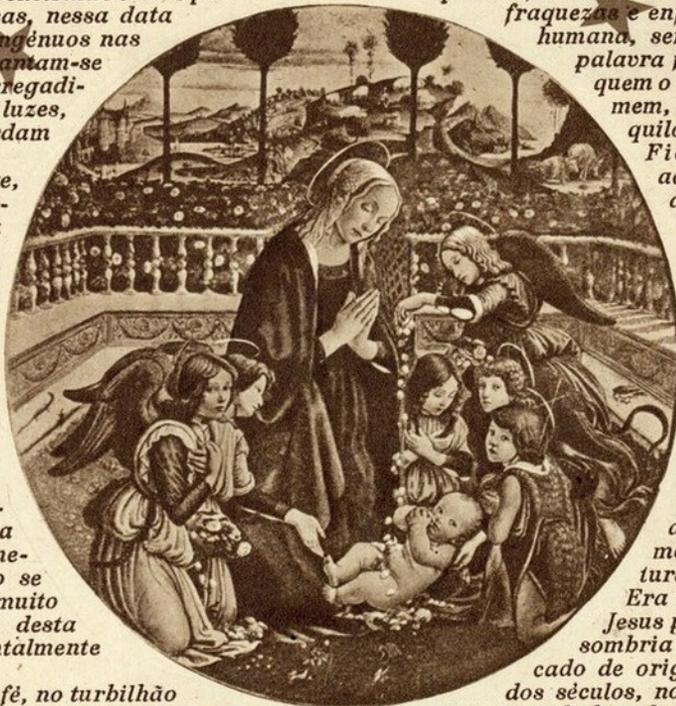
Por detrás da cruz, uma chama divina de infinito amor. Ingratidão será, ingratidão e desacêrto fatal, que fechemos o coração à luz e calor dêsse amor tão grande.

Senhor do Presépio, Senhor do Calvário, Senhor do Tabernáculo: que o nosso coração se abra para Vós, num amor puro, dedicado e pronto, capaz dos generosos sacrificios que redimem e das audácias santas que convertem.

Manuel Trindade Salgueiro
Bispo de Helenópole

Figuras de presépio: ESTREMOZ

«Reis» dos presépios: figuras de Estremoz (frente, esquerda) figuras de Gaia (frente direita, apeados; e da retaguarda, a cavalo)

Presépios — figuras de barro: GAIA

OS PRESÉPIOS DA NOSSA TERRA E DO NOSSO POVO

O «presépio» é o centro da festa cristã do Natal português. Artistas de grande mérito dedicaram o seu trabalho à construção de «presépios», que ficaram célebres nos templos do século XVIII. Do barro pobre formaram opulentas obras de arte. Dois exemplos: o «presépio» da Sé de Lisboa, e o da Igreja da Estrêla, na mesma cidade. Mostruário de composições inteiras e de grupos fragmentados de outras: no Museu das Janelas Verdes. Entre os nomes dos escultores dessas maravilhas de arte e de piedade, brilham os de Machado de Castro e de António Ferreira.

Desde que o «presépio» apareceu como a obra prima do sentimento cristão diante do Nascimento de Jesus, e surgiu a sugestionar os homens na noite de Natal, foi crescendo a sua poesia, e impôs-se definitivamente como sinal falante às imaginações dos crentes.

Pintores pintaram na tábua e na tela o episódio da arribana de Belém, onde o Menino nasceu. Mas a pintura, por melhor e mais digna do assunto na singeleza mística da feição como da técnica, espantava os olhos, parece porém que não aquecia o coração dos que lhes viam as criações.

O bocado de madeira afeiçoado em gente, preparado e composto para formar personagens presentes, tinha mais vulto na compreensão das coisas, e exaltava a inteligência dos homens. Liam-no melhor. Interpretavam fàcilmente os hieróglifos, que bailavam com vida na curiosidade e na ternura do sentimento mais íntimo do ser.

Quando o barro foi aproveitado para a obra escultórica, e das barreiras da nossa terra saíu o ouro artístico do barro inexgotável, os artistas multiplicaram-se; obras de arte de todos os tamanhos, desde os tanagrazinhos cristãos dos presépios às estátuas religiosas e profanas, brotaram do manancial. O século XVIII, o dos quintos do Brasil, foi o período encantado e róseo dos escultores do barro. Os «presépios» tiveram só por si muitos artistas, e tantos artistas houve que se dignaram pôr as mãos no barro, e fizeram erguer-se dêle, ao grito de *surge et ambula*, multidões de personagens que foram habitar, com a vida de Mouras Encantadas, os torrões dos «presépios»; outros que se encarregavam de as encarnar, vestir e dourar.

O «presépio» era, como nunca o fôra e jamais voltou a ser, o centro de atracção. Tôda a gente queria ter o seu. Uns ricos, outros pobres, co

«presépios» encantavam os crentes, nas igrejas e catedrais, nas capelinhas e ermidas humildes. Homens e mulheres, artistas, cheios de sua arte de bem fazer a obra, e os amadores na humildade plástica da sua riqueza de inspiração, por vezes prodigiosa, as freiras na reclusão do claustro e com os recursos femininos, freqüentemente pueris, e por isso mais poéticos de expressão íntima, armavam «presépios», que ficavam na casa a que pertenciam ou nas mãos de amigos, e tantas vezes corriam mundo e vieram parar às salas dos Museus e à estima dos coleccionadores.

Entre o povo também houve muito quem se aventurasse a fazer do barro grosseiro a cena delicada e breve do nascimento do Menino Jesus. Uns porque trabalharam nas oficinas dos artistas e aprenderam nelas o suficiente para se julgarem emancipados em arte; aproveitaram a feliz aura, e recolheram à terra ou oficinas provincianas, que os atraíram para o trabalho rendoso das figurinhas de «presépio». Outros, oleiros de profissão ou de necessidade nos apuros caseiros, receberam o entusiasmo da compita, e entraram na órbita da arte do barro triunfante. Faziam bonecos para divertir crianças e para mimo da casa? Fá-los-iam para os agruparem nos «presépios», humildes, toscos, rudes, sem dúvida, todavia com os mesmos olhos de ver para além da vida de hoje e de amanhã, com o mesmo empenho de pôr alma nas figuras para que não tinham vôos altos de técnica. Êstes aprenderiam com muitos dos que tinham abandonado como aves de arribação, à laia de ciganos da arte, as oficinas célebres.

Por aí fora, em Portugal inteiro, vamos encontrar «presépios» e restos de «presépios», que denotam, sobretudo nos centros oleiros, a origem diversa que tiveram e a escala divergente que representam na história da arte e na história do «presépio» português. Há anos, o Museu das Janelas Verdes patenteou-nos a nós todos uma magnífica exposição de arte barrista: «presépios» maravilhosos, figuras avulsas de «presépios», que se perderam e dispersaram, figuras de alguns que não chegaram e reüni-las e armar o conjunto, «presépios» conventuais feiturados por mãos trémulas de freiras, receosas de pecar naquele brinquedo artístico de desatenção da regra, imagens de todos os tempos.

Por certo que foi assim, pelo exemplo e pelo estímulo económico da arte realizada, que muitos oleiros de púcaros e talhas teriam legado figurinhas de certo encanto. Não seriam já para «presépios», quando não tinham que adorar. Mas, na multidão dos romeiros dos «presépios», desde os malteses e pedintes aos presunçosos cortesãos dos Reis Magos, crianças de calças rotas e senhoras de vasquinha, homens de surrão e fidalgos, que passeiam ou cavalgam com luxo, nessa multidão tumultuosa, que simboliza a geral adoração do mistério de Belém e a irmandade cristã diante do Menino, nascido ali aonde todos se dirigem pressurosamente sem abandonarem os resquícios profanos da vida, tudo cabia e aí podia estar.

Nos «presépios» do século passado e do começo do século presente, em Estremoz, encontram-se o passado e o presente. O que vem da composição antiga e o que é a tradução contemporânea das coisas e das pessoas, penetram-se e modificam-se, com interêsse de visão e actividade de pensar, dando azo a anacronismos pitorescos, marcas de época e desenvolvimento.

Em Gaia, em Guimarães, em Mafra, em Estremoz, e algures mais, fazem-se ou fizeram-se durante muito tempo, até há poucos anos, figuras dispersas, que não são mais que personagens de «presépio»; em alguns dêstes centros barreiros, preparam-se correntemente ainda grupos inteiros de figurinhas para complemento de «presépio». Do grupo central, com a Virgem, S. José, os dois animais domésticos, em redor do Menino, reclinado sôbre as palhas, até as figuras dos pastores e dos Reis Magos, espalhafatosamente montados em camelos, nada falta.

Que belo e que estímulo seria uma feira-exposição destas esculturinhas populares! E por que se não há-de tentar fazê-la num próximo Natal do Senhor? Traria mais uma acha para esta fogueira, em que arde a vontade mágica de reconstituir o Natal cristão e português, com o «presépio» a servir-lhe de signo evidente e de entusiasmo animador.

E por que não hão-de as meninas da «Modade Portuguesa» compor o seu «presépio»? Seria uma dupla lição: — 1.ª para todos nós; — 2.ª para os artistas populares.

Luís Chaves

Foto: FERNANDO POZAL

O NATAL E OS POBRESINHOS

HÁ entre os contos de Andersen, um muito impressionante e comovedor: *A pequena vendedeira de fósforos.* — Véspera de Natal, um Natal como o nosso doce clima não conhece. Natal de neve e gêlo, Natal sem sol da brumosa Dinamarca. Rotinha, descalça, tiritando de frio, uma pequenita, que vendia caixas de fósforos, percorre as ruas da cidade, só, sem abrigo, sem família.

A sua carinha de fome não comove o egoismo dos que naquela noite festiva procuram o conchego do lar.

E ela, coitadinha, através as vidraças, vê os preparativos da festa que lhe é vedada; mas a noite vem prestes, naquelas regiões; as janelas cerram-se e nem ao menos sente, junto a si, a companhia daquelas luzes, daquela gente feliz.

Sósinha, a pobresinha, como para sentir a ilusão da luz e do calor, começa a acender um a um os fósforos duma caixa que lhe restara, e alucinada pela fome, pelo frio, pela miséria, (ou quem sabe se o Anjo da Guarda assim a viria amparar?) cada fósforo a arder se lhe assemelha a uma estrêla, e essa estrêla mostra aos seus olhos extasiados aquilo de que tanto precisava.

Uma estrêla mostra-lhe uma cosinha onde fervem sopa reconfortante, os guisados apetitosos; outra, uma mêsa rodeada duma família alegre comendo um ganso assado (que substitue, nos países do norte o clássico perú); novo fósforo nova estrêla, é a caminha fofa e agasalhada, depois roupinhas quentes, uma linda árvore de Natal cheia de brinquedos e de luses.

Extasiada a pequenita esquece frio, fome, cansaço, mas com o último fósforo acaba-se o encanto.

Regelada, a pobresinha morre, e diz Andersen, que a última visão fôra a alma da mãi que para o céu a levava.

. . .

— Filiadas da Mocidade, ao vosso coração generoso de cristãs e Portuguesas apelamos para que o conto de Andersen, tenha desfêcho mais alegre e mais risonho.

Que êste Natal seja de alegria para as almas dos pobresinhos. Sêde vós, raparigas cuja mocidade vibra a tudo que é belo e bom, as estrêlas bemfazejas que enchem de luz e calor os lares da miséria.

Não sejam sonhos fictícios e rápidos, como a luz dos fósforos da creancinha dinamarquesa, os que nesta noite bemdita, embalem o sono dos desgraçados, mas sim doces realidades.

Bem tristes serão os Natais êste ano pela pobre Europa esfacelada pela guerra mais atrós; o terror, o luto, as lágrimas, serão as broas de milhares de infelizes. Não os esqueçamos nas nossas orações para que o Menino Jesus, o Principesinho da Paz, termine tão horroroso flagelo.

Mas nós, no nosso lindo Portugal, milagre vivo da protecção especial da Virgem-Mãi, façamos que ressoem cânticos de amor e de gratidão. E para isso, dêmos, dêmos generosamente aos pobresinhos, para que nesse dia possam todos matar a fome, resguardar-se do frio; para que as creancinhas sorriam ao brinquedo com que as presenteamos, e os velhinhos aquecidos pela caridade, enxuguem as lágrimas da saüdade e da miséria.

Mocidade portuguesa, alegre e santo Natal a vós, às vossas famílias: e será santo e alegre, se tiverdes as bênçãos e o amor dos pobresinhos.

V. P.

ROSAS ROSÁRIO

«A Virgem do Rosário», de Murillo
(Museu do Prado)

A rosa é a flor-raínha, a flor que, de pleno direito, tem um lugar previlegiado, primacial nos jardins e nas salas, nos campos e na nossa estima.

Que importa que seja breve e efémera a sua existência?

Nunca a brevidade e caducidade da sua beleza arrefeceram o fervor dos poetas para a cantar e deminuiram num ápice a admiração que nos merece.

Talvez até a própria fragilidade irremediável do seu sêr lhe seja um título de glória; dê mais viveza à sua côr, mais suavidade e delicadeza às suas pétalas, mais embriagues ao seu perfume, e não sei, — quem sabe? corôa de mais esplendor a sua beleza.

Se fenece desconsoladoramente depressa a beleza das rosas na sua *realidade física,* é talvez para acrescer o seu valor, a sua realeza incontestável como *símbolo,* como meio de expressão de realidades de outra ordem, por analogia e semelhança. As coisas também falam na sua mudês e silêncio, também têm língua.

E na linguagem das coisas a rosa ocupa um lugar de distinção. E' no vasto livro da natureza, um dos caracteres mais luminosos e expressivos.

E como as rosas falam com o seu colorido, com a sua variedade, com a sua fragrância, com as suas formas, com a sua fragilidade! Como elas nos estão acenando graciosamente para existências que não são a sua existência efémera! O velho Homero contemplando a aurora saudou-a como *aparição de dedos côr de rosa.*

Malherbe numa ode inspirada pelo trespasse imprevisto duma jovem, cantou:

«Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses, l'espace d'un matin!»

Todos temos nos ouvidos, na sua harmoniosa cadência, os versos de Tomaz Ribeiro para quem a beleza material das flores é símbolo apenas da beleza da virtude:

«As flores d'alma que se alteiam belas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Têm mais aroma e são mais formosas
Que as pobres rosas num jardim cativas»

No domínio da religião e da espiritualidade é de uso freqüente o recurso ao simbolismo sugestivo da *rosa.*

Na linguagem da Escritura Santa «os insensatos corôam-se de rosas, antes que murchem, e o homem prudente é comparado à rosa que desabrocha nos dias de primavera».

Os espinhos que cercam a rosa lembram a amargura que anda mesclada aos prazeres humanos.

«Cada vez que vejo esta planta — geme S. Basílio — acode-me ao espírito a lembrança do pecado que foi causa a que a terra fôsse condenada a produzir abrolhos e espinhos».

A rosa com uma cercadura de espinhos é a figura viva e significativa de amor inseparável da dor, neste mundo.

Em todos os tempos a rosa representou o amor. Símbolo encantador! Assim como entre as flores a rosa é a mais bela e esplêndida, assim entre as virtudes a caridade é a virtude primacial, o ornato mais precioso do jardim da Igreja.

Dante, no seu maravilhoso poema — *a Divina Comédia,* contempla no mais alto cume do Paraiso uma *rosa* imensa, cujas pétalas, sempre frescas e coloridas, estão banhadas e se movem no esplendor de Deus. E essas pétalas vivas são os eleitos. A côr das rosas é a côr do sangue dos mártires.

Os piedosos comentadores, que a Igreja nos oferece como intérpretes seguros do seu pensamento, viram rosas nos pés e mãos trespassadas do Rei dos mártires.

Quem não recorda a *chuva de rosas* prometida por S. Teresa do Menino Jesus?

Quem ha aí que se não comova ao lembrar essa jovem Carmelita de 20 anos — — como diz o P. Petitot — levantando-se, inclinando-se, ensaiando inconscientemente os mais graciosos passos, para lançar bem alto as pétalas de rosas, até aos pés, até às chagas, até à corôa de espinhos do Divino Mestre?

Não esqueçamos — continua o mesmo autor — a significação espiritual destas fôlhas de rosas: figuram os sacrifícios, as mortificações da nossa natureza e do nosso coração.

Quando ela, doente, macerada, já não podia lançar as pétalas, enxugava com elas o rosto do Senhor; era um gesto digno de Verónica. «Recolhei cuidadosamente estas pétalas, e recomendava do seu leito de morte — que nenhuma se perca...»

Mas a *rosa* por excelência no vasto jardim da Santidade Católica é a Virgem Imaculada. E' por isso que nós saudamos nas invocações litânicas como — *Rosa Mística.*

E' por isso, também, que nós entretecemos corôas de rosas místicas — as nossas preces que ofertamos a Maria Santíssima. O *Rosário* é uma corôa de rosas, corôa de preces composta de quinze dezenas de Avé-Marias, recitando-se no comêço de cada dezena um Padre Nosso. As contas representam as rosas — as mais pequenas as Avé-Marias, e as mais gradas, os «Padre-Nossos».

Está dividido o *Rosário* em três partes, a que se chama, isoladas do conjunto-*terço,* destinadas na sua composição a rememorar tôda a Vida de Cristo e sua Mãi benditíssima desde a Anunciação até à sua glorificação no Céu.

Desta forma se alia à oração vocal — recitação dos Padre-Nossos e Ave-Marias, a oração mental, meditação dos mistérios da nossa religião — Mistérios gososos — infância e vida oculta de Jesus; mistérios dolorosos — sua Paixão e Morte; mistérios gloriosos — ressurreição e glorificação. Remonta, na sua origem, a devoção do *Rosário,* ao século XIII, século em que o ideal da Cristandade atingiu o apogeu; século da unidade católica pela Fé, que se corporificou em construções imorredoiras, a *Suma* de S. Tomaz, síntese sólida e admirável do pensamento católico, e as catedrais góticas, onde respira, palpita em demanda do Céu a alma religiosa da Idade-Média.

Anda o *Rosário* intimamente ligado ao nome e vida de S. Domingos de Gusmão, o fundador genial da **Ordem dos Prègadores,** que tantos nomes gloriosos regista nos seus fastos, o apóstolo fervente e indomável da Cruzada contra a perigosa heresia dos Albigenzes.

Nesse empreendimento arriscado, a que deu o melhor da sua inteligência e do seu coração, a sua arma predilecta, o segrêdo das suas vitórias foi o **Rosário.**

Há um quadro célebre do grande pintor da Renascença, Dominichino, que perpétua a acção de S. Domingos na instituïção do Rosário: na vasta tela, ao alto, a Virgem, cercada duma glória celeste, oferece-se à invocação dos mortais, e o Menino Jesus espalha flôres sôbre os que invocam sua Mãe. Junto dêste grupo principal está S. Domingos; enquanto, em baixo, na terra, a pobre humanidade que luta, sofra e trabalha, tem nas mãos o *rosário.*

Desde a Idade-Média até aos nossos dias, nos grandes monumentos históricos, nas grandes tribulações e crises, é para a devoção do *rosário,* que a Igreja tem sempre apelado, como meio seguro de esconjurar males e perigos, como instrumento eficaz de salvação.

Quando da batalha de Lepanto de cujo êxito dependia a sorte e o futuro da Cristandade e da Europa, foi o rosário a arma escolhida dos fiéis em face da audácia prepotente dos mussulmanos, inimigos jurados do nome cristão.

A vitória retumbante ali alcançada foi atribuída à intercessão de N.ª Senhora, em cuja honra, e para perpetuar a memória dêsse feito glorioso das armas cristãs, o papa, Gregório XIII, instituiu a festa à Nossa Senhora do Rosário, fixada para 7 de Outubro.

Noutros recontros tremendos com os serracenos qne aporfiadamente tentaram subjugar a Europa cristã, foi ainda o recurso à Virgem, *auxílio dos cristãos,* foi ainda o rosário recitado, na angústia do perigo, o meio poderoso, empregado com êxito prodigioso, pela Grei cristã.

Já quási nos nossos dias, o grande pontífice Leão XIII, em face dos perigos temerosos e crescentes que ameaçavam a religião e a civilização cristã determinou que o mês de Outubro fôsse consagrado a N.ª Senhora, sob a invocação (inserta também na ladaínha por sua iniciativa) de *raínha do sacratíssimo Rosário.*

O imortal pontífice Pio XI, teve a mesma atitude e idêntica confiança na devoção do Rosário, diante das ameaças da guerra; e o actual Papa, no meio dos horrores do formidável flagelo, apela ainda e sempre para Nossa Senhora do Rosário, e convida-nos instantemente a que não cessemos de invocá-la como intercessora previlegiada como raínha da paz. Para nós, portugueses, um motivo particular que muito toca o nosso coração, acresce em favor da devoção pelo rosário: é a aparição de Fátima, em que Ela se dignou, com visível predilecção por nós, recomendar-nos o recurso ao rosário — prece universal da alma católica.

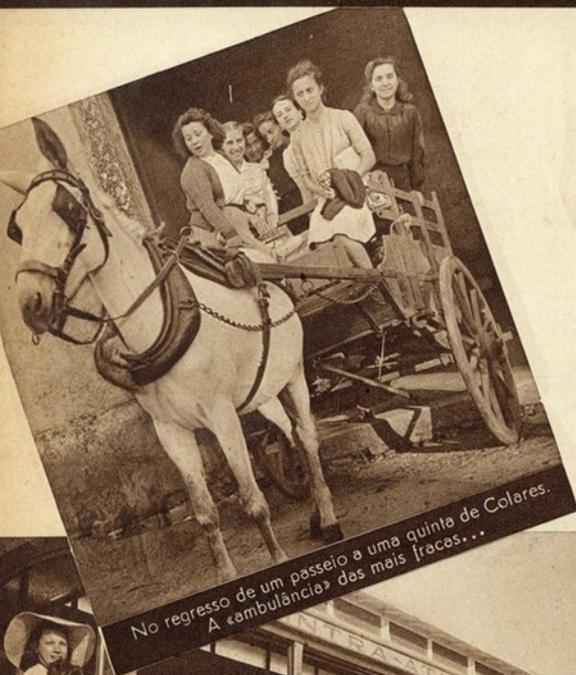
Por ocasião das campanhas de Africa, enquanto Mousinho de Albuquerque com os seus bravos soldados combatia, a sua piedosa Esposa, — como ela própria me afirmou — rodeada dum pequeno grupo de religiosos, mais que resava, *gritava a «Ave, Maria».*

E Mousinho venceu.

Também, na hora presente, nós, da mesma forma, com a mesma arma espiritual, havemos de vencer.

Na Penha Verde, em Sintra

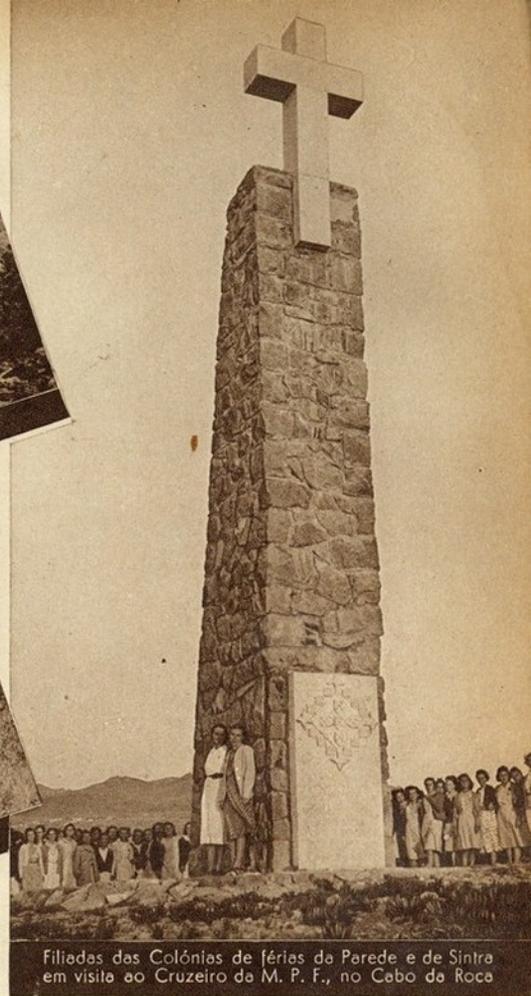
RECORDAÇÃO
DE FÉRIAS

As fotografias destas páginas mostram-nos alguns aspectos da vida alegre e movimentada da Colónia de Férias da Mocidade Portuguesa Feminina, de Sintra

No regresso de um passeio a uma quinta de Colares. A «ambulância» das mais fracas...

A caminho da Praia das Maçãs

Na Lagoa Azul

Na praia das Maçãs

«Footing», o melhor dos desportos

Filiadas das Colónias de férias da Parede e de Sintra em visita ao Cruzeiro da M. P. F., no Cabo da Roca

No Castelo dos Mouros, em Sintra

CURIOSIDADES DA PINTURA ANTIGA

Pormenor da pintura: «O Nascimento da Virgem»
(Da colecção do Ex.mo Sr. Duque de Palmela)
(Fig. 1)

«Adoração dos Pastores»
(Museu das Janelas Verdes)
(Fig. 3)

Pormenor da pintura: «O Nascimento da Virgem»
(Museu das Janelas Verdes)
(Fig. 5)

A pintura do século XVI, da qual, no ano das Comemorações Centenárias, estiveram expostas, no Museu das Janelas Verdes, umas centenas de tábuas, é manancial inexgotável de estudos referentes a certas modalidades da vida e costumes do povo português.

São inúmeros os aspectos sob os quais podem orientar-se os trabalhos de investigação e análise. Em todos os paineis, ao lado das cenas principais e da paìsagem, ou dos interiores em que decorrem, mil pormenores chamam a atenção do curioso.

Os pintores aproveitam todos os elementos para dar carácter ou tornar verosimil a descrição dos assuntos que tinham de compôr. Estes pormenores eram cuidados com tanta exactidão que podemos estudar com rigor o carácter das pessoas retratadas, as espécies vegetais e animais, os vestuários, os objecos de uso sagrado e profano e tantos outros. Nos paineis que referem as alegrias e as dôres da Virgem, — no percurso que vai da Anunciação à Lamentação depois do entêrro de Cristo, ou à Ressurreição — embora os temas correspondam à lição das escrituras, o ambiente é o da época do artista. Assim a decoração do compartimento em que se passa a cena da aparição do Anjo a Maria é a dos interiores mais ou menos ricos da época em que o pintor a realizou. Os móveis, as cerâmicas, os tecidos, a luminária, os cestos de verga, os aprestos da costura estão ali rigorosamente representados.

No Presépio e nas Adoracões dos Magos ou dos Pastores, onde as ruínas de sumptuosas arquitecturas contrastam com choupanas humildes, cobertas de colmo, o bêrço, o catre, a mangedoura, o fogareiro, as caçoilas e os tachos dão à cena a requerida intimidade. Os pastores, vestidos de samarra e arrimados aos bordões, trazem nas mãos ou a tiracolo, os alfôrges, os cestos, as peças de caça — coelhos, lebres, perdizes — pintadas com o meticuloso cuidado de exímios artistas, especializados em «naturezas mortas». *(Fig. 3)* Os reis, mais opulentos, apresentam suas oferendas em ricas peças de prata ou de ouro e ostentam vistosa indumentária, joias magníficas e armas ricas que levariam páginas a descrever. *(Fig. 2)*

Por vezes, nos planos mais afastados, veem-se cidades, aldeias e campinas. Os agricultores procedem aos trabalhos do campo e as mulheres cuidam da criação. Viandantes, solitários ou em grupos, seguem pelos caminhos. E os pintores apuram-se no tratamento dos assuntos, cuidando-os nas mais insignificantes particularidades.

Na Fuga para o Egipto, a Virgem, com o divino Filho ao colo, vai sentada no jumento, conduzido à arreata, por S. José. Outras vezes, repousam da fadigosa jornada e então a cabaça e o cesto de vime ocupam, na composição, lugar de relêvo.

A Ceia de Cristo dá aos pintores motivo para apresentarem sôbre a mêsa, coberta por alva toalha, série curiosa de utensílios — picheis e botelhas, pratos, tegelas, facas — e manjares variados, tais como o cordeiro, os pães e vegetais de diferentes qualidades. *(Fig. 6)* O Mestre e os Apóstolos sentam-se à roda em bancos ou cadeiras de tesoura.

Certos retábulos contêm o episódio do Beijo de Judas, no qual a soldadesca, conduzida pelo traidor, vai apoderar-se de Jesus. Nestas pinturas, devido à hora em que a cena tem lugar, os homens trazem, além das armas, lanternas e fogaréus, exemplos da variada luminária de quinhentos.

Nos quadros que representam Cristo a ser pregado no madeiro, o Caminho para o Gólgota, o Calvário ou o Descimento da Cruz, animam os trágicos episódios grupos de curiosos e soldados da peonagem e da cavalaria, homens que jogam os dados, pessoas que comem e bebem, algozes munidos de pregos e martelos, portadores de escadas e de cordas — tôda a multidão interessada no acontecimento.

Para finalizar, a Ressurreição dá-nos tantas vezes a amostra de graciosos pormenores. Lembro-me de uma pintura representativa dêste passo, na qual, junto de um soldado, estão pintados o cesto cheio de viandas e a borracha do vinho, «natureza morta» admirável de colorido e de verdade.

Não foi só na história da vida e da paixão de Cristo que os artistas multiplicaram as referidas representações. Estão cheios delas os painéis que tratam da vida, dos milagres e dos martírios dos Santos, entre os quais, no certame de 1940, tiveram maior figuração S. Pedro, S. Bartolomeu e S. Jerónimo; S. João Baptista e S. João Evangelista: Santa Catarina e Santa Auta, Santo António e S. Francisco, S. Cosme e S. Damião; S. Sebastião, S. Tomé, S. Lourenço e S. Martinho. Certas cenas merecem especial referência como as dos passos da vida de S. João Baptista, nos painéis de Tomar, em que a riqueza dos interiores, ostentando ricos tapetes e tapeçarias, bem como escaparates adornados com magníficas baixelas, dão idéia da vida opulenta da época. *(Fig. 4)* Essa opulência ainda é visível nos passos da vida de um cavaleiro, pintados, segundo se julgou, para a igreja do castelo de Palmela.

As Missas de S. Gregório mostram com clareza o arranjo do altar para a grande cerimónia litúrgica.

As composições do Nascimento da Virgem são sempre tratadas com rigoroso intimismo, deixando ver com exactidão os cuidados dispensados ao novo-nado. *(Fig. 1 e 5)* Certa pintura, representando S. João Evangelista na ilha de Patmos, descreve, como nos painéis de milagres, a vida marítima com batéis e galeões e o agitado movimento dos portos. O mar, coalhado de navios com as velas colhidas ou desfraldadas, e a faina dos marinheiros aparecem-nos na história da transferência das relíquias de Santa Auta, de Colónia para Lisboa. E no painel desta série, em que se descreve o casamento de Santa Úrsula, uma orquestra composta de músicos negros anima a cerimónia. Agrupamentos de Anjos músicos e de Anjos cantores, com suas pautas e instrumentos variados, têm sempre lugar nas cenas do Presépio e da Assunção. Um estranho quadro, em que o inferno se mostra aos olhos atemorizados e em que as cenas de tortura, às quais preside o diabo, são traduzidas com fidelidade, agrupa os instrumentos destinados a martirizar os condenados, como as algemas, as polés e outros temíveis engenhos.

E assim por diante. Todos aqueles que se interessam por estes assuntos, concluirão, depois de lerem esta rápida e incompleta nota, que é fértil em curiosidades, dignas de meticuloso examo, a pintura dos antigos mestres portugueses.

JOÃO COUTO

Pormenor da pintura: «Salomé apresentando a Herodes a cabeça de S. João Baptista»
(Igreja de S. João — Tomar)
(Fig. 4)

Pormenor da pintura: «Adoração dos Magos»
(Da colecção Relvas — Alpiarça)
(Fig. 2)

Pormenor da pintura: «A Ceia»
(Igreja de S. João de Tomar)
(Fig. 6)

PRESÉPIOS DE PORTUGAL

* * * * * * * * *

COMO dá geito ao coração, todos os anos, por estas alturas do rodar do tempo, a gente voltar a poisar os olhos e a alma nos presépios da nossa Terra! Tôscos e maneirinhos, ou de espavento — os presépios do Natal Português trazem-nos tôda a graça e tôda a paz do Menino que lá está ao meio da gruta, entre o bom S. José e a Senhora Mãe de Jesus.

Tôda a **graça** e tôda a **paz**...

Espalhados por essas terras fora, nas igrejas e nos lares, ainda são, e é preciso que o sejam cada vez mais, descansos para a agitação do homem moderno, amarrado à vida do ganha-pão para a boca.

E até os *outros*, os que andam por aí enterrados em matéria e egoismos, até para êsses, os Presépios acordam as vozes esquecidas que nunca deixam de falar dentro, no fundo das almas.

Presépios de Natal..

Presépios de Portugal...

assim como são, à maneira da nossa Piedade e da nossa Fé, infinitamente graciosos, infinitamente poéticos, infinitamente bons, são oásis de Pureza e de Calma, de Esperança alta, em tôdas as horas da vida: quando se é tamaninho... e quando já crescidos e crestados pelos ventos vários, os corações começam a andar açoitados, lá bem dentro, pelas dôres de certas vidas mal levadas...

...Paz e Graça.

...Paz de Deus. Graça de Deus.

Presépios de Portugal...

Havia de havê-los em tôda a parte. Em tôda a parte. Nas praças e às esquinas, nas escolas e nas oficinas... Por tôda a parte...

...para o homem ter durante uns dias pontos de apoio para partir e subir de cá de baixo, por onde anda tão arredio das coisas altas e boas, lá para cima, onde mora a Paz e a Graça...

...para ter quem o acordasse do marasmo onde se apaga e onde se mata.

Presépios da Paz...

Presépios da Graça...

. . . .

Cada rapariga cristã e portuguesa devia querer substituir, na nossa Terra, os presépios que ninguém arranja nas ruas e nas praças, nas escolas e nos escritórios, nas nossas casas e nas nossas igrejas.

Presépios de Portugal: raparigas portuguesas: Deus nelas: a Paz e a Graça de Deus nelas...

Como grutas onde Deus esteja e onde a gente O encontre e O veja...

Como grutas, como presépios ambulantes: e no seu olhar calmo — e nas faces iluminadas de pureza o cântico do Céu...

...tal-qual como os anjos o espalharam naquela Noite linda, por de cima de todos os telhados do mundo:

...Paz aos homens!...

...Paz aos homens!...

Almas — Presépios...

Almas semeadoras de Paz.

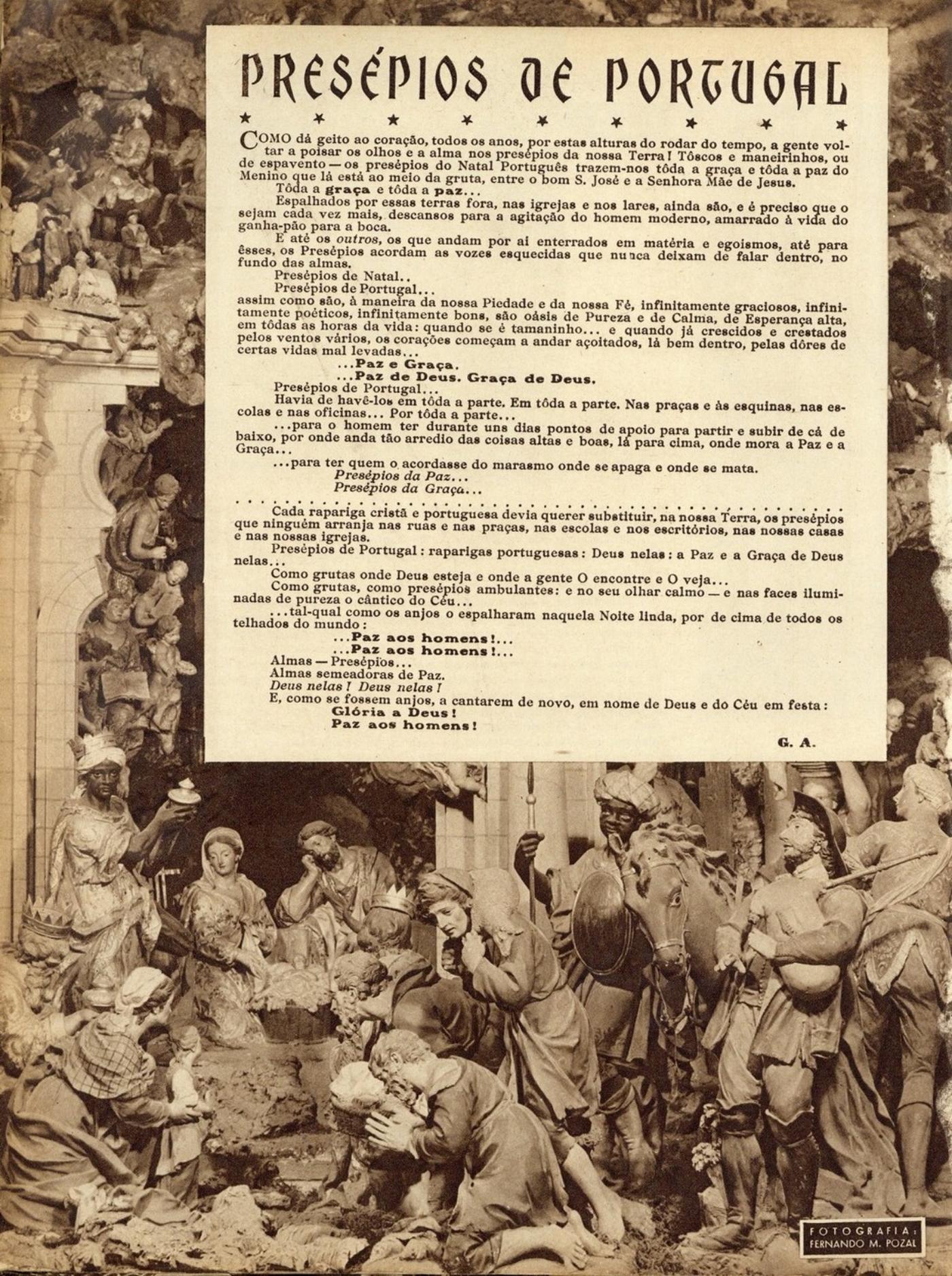
Deus nelas! Deus nelas!

E, como se fossem anjos, a cantarem de novo, em nome de Deus e do Céu em festa:

Glória a Deus!

Paz aos homens!

G. A.

FOTOGRAFIA: FERNANDO M. POZAL

"Dia da Mãi"

A M. P. F. festeja, no domingo que cai dentro da Oitava da Imaculada Conceição — 14 de Dezembro — o «Dia da Mãi».

O «Dia da Mãi»: Terá êle razão de existir? Desde que nascemos, todos os dias foram dias para a nossa mãi nos amar. O seu coração não sabe fazer outra coisa!

Mas todos os dias da nossa vida terão sido dias em que amamos a nossa mãi como ela merece?!

Em geral, gosamos do seu amor como gosamos do sol: sem pensar!

Foi preciso que um santo nos viesse ensinar a louvar a Deus «pelo irmão sol, que em cada dia nos ilumina, irradiante de beleza e de alegria».

E talvez não seja menos preciso que alguém nos ensine a louvar a Deus pela nossa mãi, o sol do nosso lar, a alegria da nossa vida!

Sem dúvida, nós queremos-lhe muito, à nossa mãi! Mas dizemos-lho talvez pouco... e mostramos-lho ainda menos — pois não é verdade?

E, com a nossa frieza, poderemos estar a prepararmos o desgôsto amargo daquele grande artista que, diante dum leito de morte, exclamava inconsolável: «Ai se eu tivesse ainda alguns momentos *para lhe dizer quanto a amava!»*

Mas, então, será demasiado tarde!...

«Aproveita a hora que passa», lê-se num velho quadrante solar francês.

Aproveitemos a hora que passa — *especialmente o «Dia da Mãi» — para mostrar à nossa mãi quanto a amamos!*

Por vezes, o nosso amor é como certos veios de água, demasiadamente profundos, que deixam à superfície a Terra árida. Quando o nosso amor deveria ser como uma fonte, sempre a correr e a cantar!

Queridas raparigas da M. P. F., nós queríamos que à vossa roda ninguém tivesse sêde de amor e que ao vosso lar, cultivadas por vós, florissem sempre cravos e rosas!

E desejaríamos que o «Dia da Mãi» fôsse santificado por tôdas vós. Que, nesse dia, uma onda de ternura e felicidade fôsse pelo vosso lar.

Rezai pela vossa mãi, rodeai-a de atenções carinhosas e delicadas; e fazei-vos acompanhar pelo vosso pai e irmãos.

Que não faltem flores na vossa festa, e beijos, e abraços! Que todos se sintam contentes e **ela**, *mais do que ninguém!*

COCCINELLE

Bertha Morizot — Museu do Louvre. — Le berceau

As canções do natal

Anjos músicos, pormenor do quadro «Assunção da Virgem»
(Museu das Janelas Verdes)

O Natal, quadra festiva por excelência em todo o mundo Cristão — pois que ela celebra o nascimento do Redemptor — inspirou ao povo de Portugal as mais ternas e efusivas manifestações de religiosidade, traduzindo ora o entusiasmo, a alegria, ora a adoração, o êxtase pela vinda ao mundo d'Aquele que com o sacrifício da própria vida havia de lavar e purificar com seu sacratissimo sangue a pobre Humanidade.

Mas é à poesia e à música que o Natal tem dado os mais variados motivos de inspiração, produzindo obra não só popular, mas também erudita. São inúmeras as partituras que os mais notáveis compositores de todo o mundo têm escrito sôbre o nascimento de Jesus. Desde o simples motete até à mais complicada cantata, se têm servido os músicos para cantar e louvar tão grande acontecimento. Entre nós, os mais inspirados músicos escreveram Matinas para o Natal. E não devemos esquecer o «Vilhancico», género desaparecido há duzentos anos e que tanta voga teve no nosso pais. Foi o nosso rei D. João V que, para terminar abusos lamentáveis, o proïbiu nos templos, dando-lhe também o golpe de misericórdia no seio popular.

Era o Vilhancico um género simultaneamente literário e musical que se cultivou com verdadeira paixão desde o primeiro quartel do século XVII ao primeiro quartel do século XVIII, segundo nos informa Mendes dos Remédios num seu interessante estudo. Os Vilhancicos eram uma composição poética popular com seu estribilho e que se destinava a ser cantada na igreja. Havia-os dedicados a Nossa Senhora e a alguns santos mais populares. Mas os que mais voga tiveram foram os dedicados ao Natal e Reis. Os melhores cantores nacionais e estrangeiros os iam cantar nas igrejas e nas representações da côrte:

Sol formoso que nasceu
da aurora mais pura e bela
chora porque ria ela
e se alegre todo o ceu.

Assim dizia um dos mais populares e queridos Vilhancicos ai por volta do ano do Senhor de 1659.

E o povo que com seus adoráveis presépios e canções rústicas manifestava o seu entusiasmo religioso? Esse deixou-nos inúmeras cantigas que ainda hoje se cantam de norte a sul no nosso lindo Portugal. E' pois ao povo, êsse admirável repositório de tradições, que devemos ir buscar o que resta dêsses Natais, de que nos fala o erudito professor.

As canções do Natal, as dos Reis, as «janeiras», quem há que as não conheça, pelo menos de tradição? E' especialmente no Norte, Minho, Traz-os-montes, Douro e Beiras que elas são cantadas. Bandos percorrem as ruas do povoado nas noites do Natal — antes e depois da missa do «galo» — e dos Reis saüdando com seus canticos as principais familias que correspondem oferecendo figos sêcos, noses, castanhas, bolos, etc. Esses canticos são acompanhados com os mais variados e tipicos instrumentos populares, como a gaita de foles, ronca, pandeiros, ferrinhos, zabumba, cavaquinho, harmónio, pifano e gaita de beiços, não faltando também às vezes a rabeca e o clarinete.

Eis algumas das mais tipicas canções populares do Natal que conseguimos colher, ilustrando assim estas simples e despretenciosas palavras, ramilhete de flores campestres que oferecemos às raparigas da M. P. F.. Algumas para uma só voz ou côro unissono, outras compostas para duas ou mais vozes, mas todas belas, todas formosas na sua encantadora simplicidade:

São Minhotas estas duas canções. Elas respiram a ansiedade com que o Menino é esperado como Salvador do mundo.

As Beiras cantam com alegria a vinda do Messias, fazendo-lhe as suas ofertas:

Entrai, entrai ó pastores
Por êsse portal sagrado
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado

Colhei florinhas no campo
Trazei-lhe prendas d'amor
Vinde cantar o Bemvindo
Ao Divino Redentor

E agora esta lôa pastoril cantada em Traz-os-Montes, em que Jesus dá ao mundo o exemplo da humildade. E' já um pouco velhinha, pois data do século XVIII.

O Ribatejo não ficou mudo. Possue, entre outras, o lindo «Canto dos pastores» que se segue:

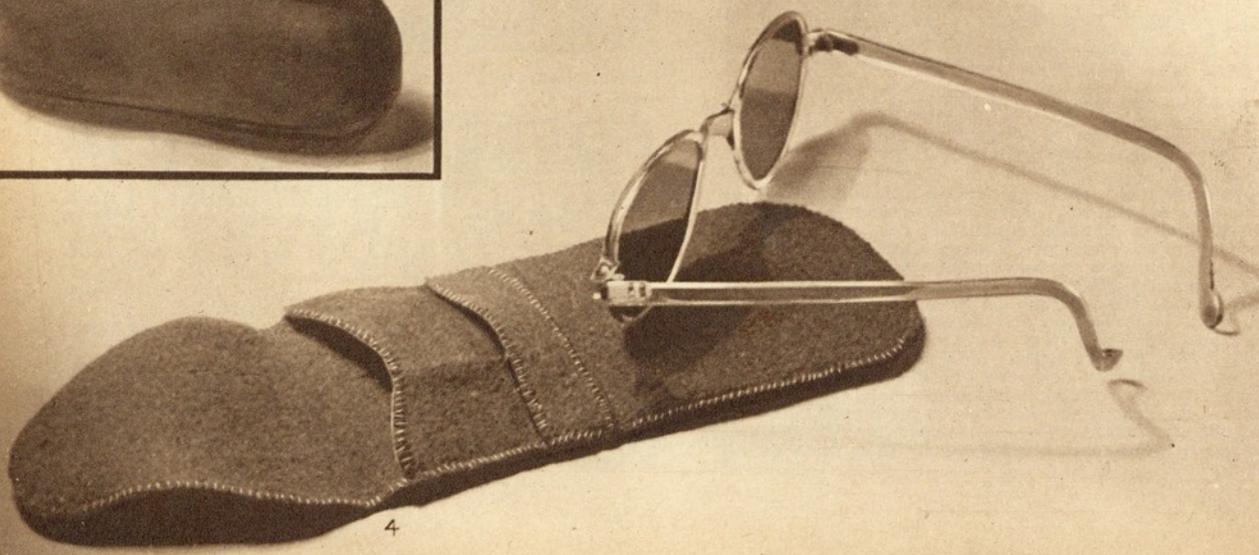
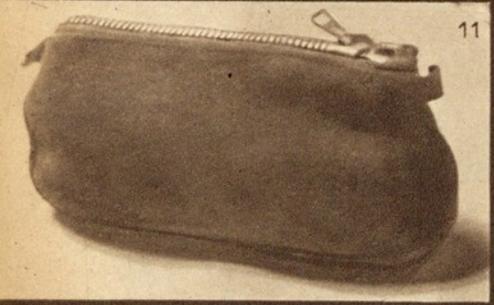
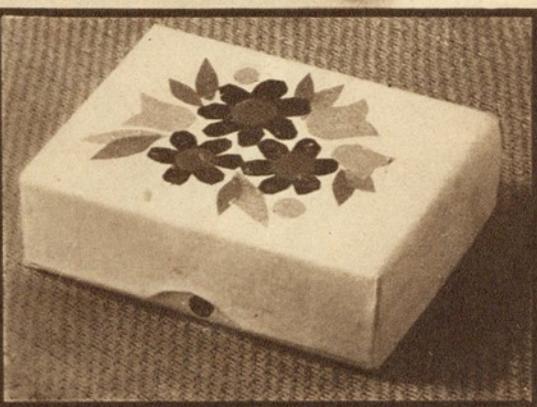
E, como exemplo salutar e comovente, aqui temos esta linda canção do Alto Alentejo, que, com uma ingenuidade encantadora, nos pretende mostrar a união e trabalho em que vivia a Sagrada Familia. A segunda quadra é de uma graciosidade sem par, humanizando e trazendo até nós a avó do Menino Jesus ministrando ao neto a educação a que, por vezes, as mães têm de recorrer...

São alentejanas, ou lá se cantam freqüentemente, as duas canções seguintes. A primeira do centro do Alentejo, quási sul, imensa planicie requeimada pelo sol ardente; a segunda um pouco mais para o norte, rente com a Espanha, é cantada em Elvas com acompanhamento de «ronca», instrumento popular rústico, quási primitivo, que é feito de um alcatruz de nora, ou panela de barro a cujo bocal se adapta uma membrana, ou pele de bexiga atravessada por um pau encerado, pelo qual se corre a mão, com fôrça, e produz um som rouco e áspero. Tal é a descrição feita pelo rev. padre Filipe Nery de Souza Penalva que a colheu «in loco». Esta canção, além de se cantar nas ruas, canta-se também à roda da lareira, havendo nela a particularidade interessante de ser quási igual a uma canção, também popular mas profana, chamada o «Pedreiro», muito cantada no sul do Alentejo.

E para que mais? Se elas são tantas, tantas e tão belas que seria um nunca mais acabar.

Mas julgam que é só cá? Não, louvado Deus! Na França, na Alemanha, Inglaterra, Rússia etc., etc., o mundo inteiro canta, em lindas e sugestivas canções, o nascimento do Redentor. As canções francesas, então, primam pela simplicidade aliada a uma grande belesa, como a «D'oú viens — tu, bergère?

CELESTE MOTA

PARA todos UMA lembrança

FILIADAS! De hoje até ao Natal os dias passam depressa. Tendes muitas prendas que dar e deveis aproveitar todos os momentos oportunos para o fazer às escondidas... É, dizemos às escondidas, porque qualquer destas pequeninas lembranças será valorizada não só por ser feita pelas vossas mãos mas principalmente por ser uma surprêza.

Vejamos. Que dar à Mãe?

— Uma coisa para a casa que é sempre apreciada. Esfregões para lavar a loiça... Feitos em crochet com algodão muito grosso. Uma meada chega para três.

— Um saco para o tricot, que pode ser de fêltro, imitação de camurça, ou de qualquer resto de fazenda que haja. (1)

— Um agulheiro. É já coisa velha, mas fácil de variar. (2)

Para o Pai:

— Um calendário para o ano novo. Com cartolina, papéis de côres, lápis, tintas, ou mesmo com uma fotografia. (3)

— Uma capa para a lista dos telefones.

— Um abat-jour. (16)

Para a Avó:

— Um saquinho de guardar os óculos. (4)

— Uma cobertura preta para o missal, com bolsinha para o terço, enfeitada ou não com galão dourado. (5 e 7)

Para o Avô:

— Um cachecol.

— Um saco novo para a botija de aquecer a cama.

— Um saco para o baralho de cartas. (6)

Para a irmã mais velha:

— Dois lenços com letras bordadas. (8)

— Uma caixa forrada de papéis de côres. (9)

— Um cinto com carteira, que se pode fazer de fêltro. (10)

— Uma bôlsa para moedas. (11)

Para a irmã mais nova:

— Um vestido para a boneca.

— Um saco para o guardanapo. (12)

Para o irmão mais velho:

— Uma capa para o livro. (13)

— Uma moldura para retrato.

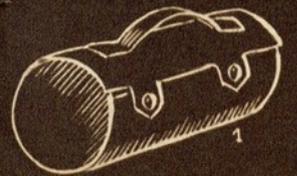
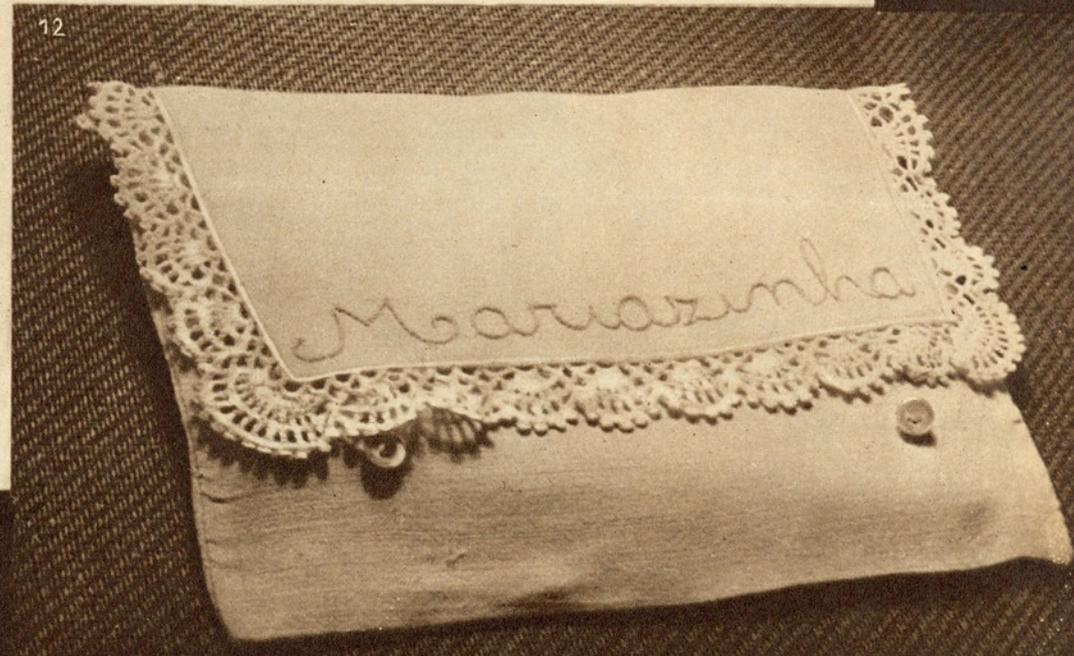
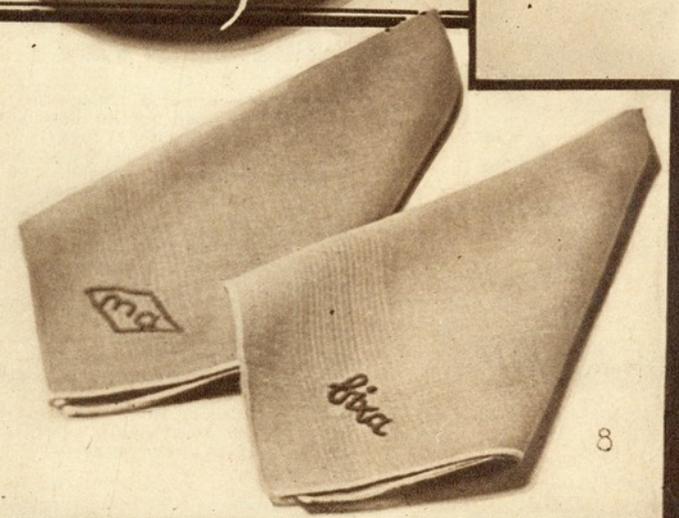
— Uma cobertura para o album da colecção de sêlos. (14)

Para o irmão mais novo:

— Um horário das lições, em cartolina, floreado com lápis a côres e forrado de «celofane». (15)

— Um saquinho para a régua outro para o esquadro.

etc...

Não vos falamos aqui de presentes que a todos lembra comprar, nem tão pouco trabalhos grandes dificeis de fazer, ou de materiais caros. Apenas idéias que *mesmo não sendo nenhuma por vós aproveitada*, talvez vos possa sugerir outras, decerto mais adequadas ao gosto daqueles a quem desejais lembrar a vossa amizade no dia grande do Natal!

O Lar

NATAL!

EM casa de Francisca reinava a alegria: e quantas eram as razões para justificar essa alegria! A maior, a mais profunda, a mais intensa, aquela que só é dada a quem tem a felicidade de ser cristão, é que chegara a véspera do Natal. Como é doce, como é suave, como é incomparável a festa do Natal! É a festa do coração por excelência; e as famílias cristãs, pais, filhos, avós, netos, irmãos, mais que nunca se sentem unidos nêsse dia.

O jantar de família (depois da consoada desta noite) seria em casa de Francisca êste ano. E chegara a veneranda Tia Anica, depois duma longa ausência, com as suas expansões, por vezes rabujentas mas sempre úteis e amigas. Francisca, radiante, saltou-lhe ao pescoço.

— Ah Tiasinha, como gosto de a tornar a ver!

A boa senhora estava comovida; mas queria disfarçar a comoção com a habitual casmurrice.

— Ora, ora, nada de pieguices; vamos ao que importa. Tens cá amanhã a família tôda, está-se a ver? E o perú está como um ôdre ou como um espêto?

— Bem gostaria que estivesse como um ôdre; mas...

— Na tua casa não sabem engordar perús.

— Se quizesse vir vê-lo à cosinha, minha Tia, dava os seus conselhos sôbre a maneira de o assar.

— Deviam tê-lo morto ontem e não hoje; mas estou a ver que tal não fizeram...

— Matou-se ontem à noite e depenou-se em sêco.

— É o sistema antigo português: e o perú assado à moda portuguesa é *melhor* do que todos os perús estrangeiros, não tenhas dúvida! Toca p'rá cosinha.

E a Tia Anica, ainda ligeira apesar dos seus setenta anos, caminhou apressada pelo corredor fòra.

— É um belo animal, não há dúvida: não pesa menos de 6 quilos com certeza. Agora é preciso, visto que já foi aberto e limpo por dentro, esfregá-lo por dentro e por fóra com sal e, se quizeres, um dente d'alho...

— O Vasco detesta alho, minha Tia!

— Então não ponhas; mas o pobre dente nem o incomodava! Assim descansará o perú até amanhã, depois de lhe meterem as pernas para dentro e cortarem as pontas das asas. Umas 4 horas antes do jantar vai ao fôrno todo untado de manteiga: e quando começar a deitar môlho, repara bem! tira-se uma porção do môlho para uma tigela, junta-se um pouco de vinho branco, e com isso se vai regando e pintando o bicho muitas vezes, percebes?

— Posso pintá-lo com uma pena, não?

— Optima idéia. E enquanto procedes a essa operação deixa o perú fora do fôrno e constipa-o: fica mais tenro.

— E o recheio, não me aconselha coisa nova, diferente da batata habitual?

— Olha, o que acho mais fino, Francisca, é um recheio feito com 2 ou 3 mioleiras de vitela, bem temperadas com um bèchamel grosso, pimenta, um nadinha de mostarda Savora, e tudo bem ligadinho, cosido dentro do papo.

— E como acha que arranje a mesa amanhã, Tiasinha?

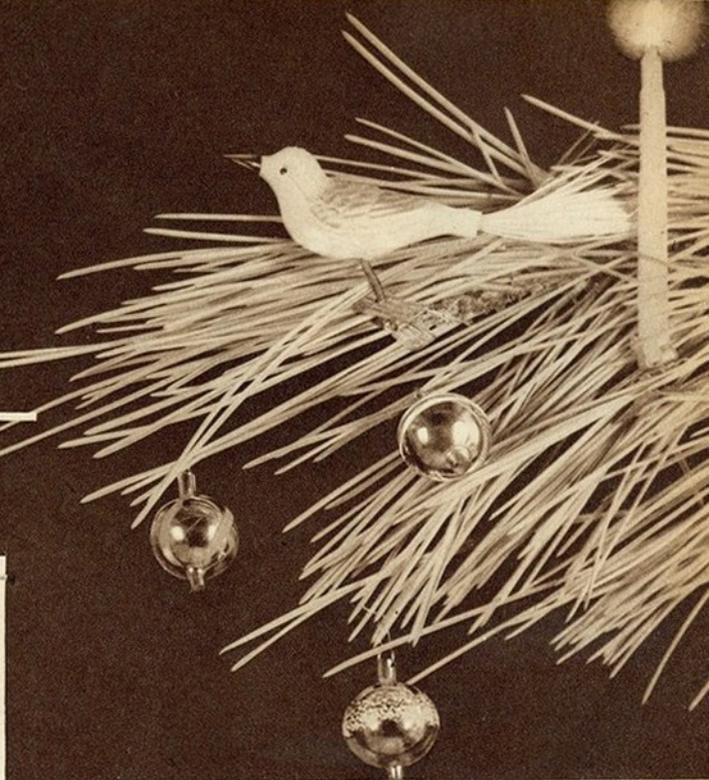
— Não te falta gôsto, minha filha; mas dou-te já um conselho: junta ao teu gôsto um bocadinho de fantasia.

— Tenho urze branca lindissima: a minha idéia era fazer um centro baixo...

— Arranja com hastes bem floridas a guarnição sôbre a mesa: parece neve que caíu entre os cristais...

— E com o azevinho tão caracteristico...

— A tua mesa ficará linda: sobretudo se todos os corações que ali estarão *sentirem* o encanto único, incomparável, do jantar de Natal!

É NATAL

O Natal é de todos!
É de Deus que se faz homem e nasce em Belém...
É dos Anjos que cantam na terra uma alegria que parece exceder a própria alegria dos céus...
É dos humildes — representados nos pastores — que correm ao presépio a conhecer o seu irmãosinho mais novo...
É dos poderosos da terra que — como os Reis Magos — se sentem pequenos diante do Menino e O adoram...
O Natal é de todos! Mas, de cada um a seu modo.
O Natal de Deus, é um Natal de infinita misericórdia.
O Natal dos Anjos, é um Natal de extasiada adoração.
O Natal dos pastores, é um Natal de doce e simples intimidade.
O Natal dos Magos, é a primeira cerimónia de sagração real do Rei eterno, reconhecido Senhor do mundo!
E o nosso *Natal, o que deverá ser?*
Um Natal de amor em que recebemos o beijo de misericórdia do Altíssimo que desce até nós; Natal de amor em que juntamos a nossa voz à voz dos Anjos para cantar com êles: «Glória a Deus nos céus e paz na terra aos homens de boa vontade»!
Um Natal de carinhosa intimidade com Jesus, indo para Êle com o nosso coração nas mãos, para lho oferecer, no gesto simples dos pastores; um Natal que proclame a realeza divina d'Aquele que veiu ao mundo para conquistar as nossas almas.
O nosso Natal, o que há-de ser?
Uma festa do céu — visto que Deus nela toma parte; uma festa de família, pois que Jesus, nascendo para todos, estará no meio de nós, no nosso lar; uma festa que faça entrar no nosso coração o mundo inteiro, pois a tôdas as criaturas se mostra a inefável bondade de Deus Nosso Senhor!
O nosso Natal, o que há-de ser?
Uma festa de amor em que o nosso coração transborde abraçando a todos com aquele amor verdadeiro que quer bem...
Uma festa de alegria em que o nosso contentamento, em ondas sobrenaturais, chegue até outros corações, que também se sintam felizes porque nós o somos e generosamente difundimos a nossa felicidade.
O nosso Natal! O teu Natal, rapariga da Mocidade, sabes como eu o imagino?
Preparando com devoção para receber a Jesus na noite santa.
O Advento — êsse tempo em que se espera Aquele que há-de vir — deve ser consagrado por ti a essa preparação.
Como? Abre o teu missal. Que te diz êle durante os Domingos do Advento?
«O Reino de Deus está próximo». Deixa de praticar o mal e de viver nas trevas para fazer o bem e viver na luz. «Preparai o caminho do Senhor. Tornai direitos os seus caminhos. Que todos os vales sejam cheios e tôda a montanha abatida».
Há falhas na tua vida que é preciso encher; elevações que é preciso abater! Prepara na humildade e no amor a tua alma para receber Aquele que vem para te salvar.
Sabes como eu o sonho, o teu Natal?
Preparado também com carinho para todos os teus.
Pensa: que presentes poderás oferecer a teu pai? a tua mãe? Não digas nada! Que seja surpresa! Para a alegria ser ainda maior. Mas não te esqueças dêles. Olha que, quando se trata de amor e alegria, as pessoas crescidas também são crianças... O nada que tu lhe deres, conterá para êles tesouros de alegria!
Pensa: que brinquedos poderás arranjar para teus irmãositos?
Veste uma boneca... talha e cose um cão ou um coelho... Vê lá tu! com uns trapinhos *poderás fazer a sua felicidade!*
Pensa: e para as tuas criadas, não tens nenhuma idéia?
Também para elas deve ser Natal—não esqueças!
Das tuas economias faz o seu quinhão, pequenino embora, mas que lhes mostre que são estimadas e não foram esquecidas.
Pensa: e os pobresinhos, aqueles que só saberão que é Natal, se tu pensares neles?
Ai, para êsses, embora tenhas de renunciar à tua parte, a dêles é que não pode faltar!
Não tens dinheiro para fazer compras? Abre as tuas gavetas, revista o teu guarda-vestidos, conta os teus brinquedos... e achas que nada tens para dar — a quem nada possue — tu que tens tanto?!
Anda, faze o quinhão dos pobres... bem grande!
É Natal!

MARIA JOANA MENDES LEAL

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ... JESUS!

★ ★ ★ ★ ★

Mauricio e Eugénia eram irmãos.

Mais velho dois anos do que Eugénia, Mauricio, com os seus catorze anos feitos, tinha um génio taciturno e egoista que entristecia os pais e aborrecia os mestres.

— Mas o coração dêle não é mau... — dizia às vezes Eugénia que, pela sua bondade, o seu génio alegre e encantador, formava um verdadeiro contraste com o irmão.

— Tu é que vês tudo através do teu bom coração, minha filha — respondia o pai, pensativo.

— Parece-se tanto com o tio Gonçalo... —suspirava a mãi, recordando um tio-avô, já falecido, que tôda a vida tinha sido a ovelha ranhosa da familia.

— Deus nos preserve de tal desgraça! — tornava o pai. — Mas o certo é que vamos ter de o meter num colégio interno.

— Oh Paisinho, não faça isso! — pediu Eugénia.

— E' para seu bem, meu amor: não vejo outro caminho a seguir.

E Mauricio entrou no colégio.

Não foi preciso muito tempo para todos se convencerem do seu egoismo, da sua casmurrice, da sua má camaradagem: e logo o detestaram todos os companheiros. As partidas que lhe faziam ainda o tornavam mais azêdo; e os mestres nem sabiam como conseguir melhorar o seu detestável feitio!

A primeira vez que foi a casa Mauricio foi procurar Eugénia ao quarto de estudo, onde ela lia socegadamente, sentada no vão da janela.

— O que estás a ler, Génia? — preguntou Mauricio, sentando-se ao pé da irmã e tirando-lhe o livro da mão.

Eugénia beijou-o e respondeu:

— Um livro lindo, lindo! Já o li três vezes, imagina! Queres que t'o empreste, Ri?

— Não tenho pachorra para estas lamúrias.

— Lamúrias! — indignou-se Eugénia. — E' o livro mais lindo que conheço; e se a gente pensasse nêle muita vez sempre, até, estou certissima que não havia zangas, nem partidas, nem nada de mau que sucedesse...

— Disparate! — disse Mauricio — que tem o livro com a nossa vida?

— Olha, Ri, vamos fazer uma aposta, queres?

— O que é que apostamos?

Eugénia pensou um momento.

— Tu vais ler o livro todo nestes dias, mas com atenção! E se lá no Colégio pensares nêle, e êsse pensamento te consolar, então eu ganhei a aposta: pagas 5$00 ao mealheiro dos meus pobres.

— E se for eu que ganho?

— Se não te lembrares mais do livro lá no colégio, perdi eu: dou-te 5$00 de presente.

— Valeu! — gritou Mauricio, começando logo a ler o dôce livro que contava, desde o nascimento em Belém, tôda a Vida sublime e dolorosa de Jesus Cristo.

Quando Mauricio chegou ao colégio, esperava-o uma das tais partidas que os companheiros lhe faziam constantemente: ao abrir a gaveta da sua carteira, saltaram dois ratos para cima dêle, obrigando-o a dar um grito em plena aula. Depois, quando pegou nos seus lápis viu que a todos faltavam os bicos, impossibilitando-o de tirar apontamentos. Mas Mauricio não manifestou a sua zanga, com grande descontentamento dos companheiros. E, lembrando-se da aposta que fizera com Génia, recordava o livro lindo que trouxera consigo...

Jesus em Belém! Como era adorável aquela história do Natal, com a aparição do Anjo aos pastores avisando-os de que nascera ali perto, quási junto a êles, o Redentor do Mundo!

E Mauricio surpreendeu-se a sorrir de enternecimento, alheio aos olhares hóstis que o rodeavam... e não podiam comprendê-lo.

— O rapaz está idiota — disse um dêles.

— Já não dá sorte! — disse outro, enjoado.

— Assim nem vale a pena fazer-lhe partidas — concluiu o primeiro.

E, nos dias que se seguiram, Mauricio continuou a recordar tôdas as fases da Vida de Jesus; evocando-as tão intensamente que os próprios mestres se admiravam de o ver absôrto nos seus pensamentos...

— Em que pensas, Mauricio? — preguntou-lhe um dos mestres quando acabou a lição.

— Em Jesus! — respondeu o rapaz com entusiasmo.

— Em Jesus? Porquê? — tornou o professor.

— Porque quero viver sempre com Jesus no pensamento: quero tê-lO no meu coração — disse Mauricio convencido.

O mestre, admirado, só poude responder:

— É a maior felicidade que te pode suceder, rapaz.

E quando Mauricio chegou a casa, naquela semana do Natal, correu ao quarto de estudo a procurar a irmã.

— Génia! Génia, onde estás tu?

Eugénia apareceu, contente, e saltou-lhe ao pescoço.

— Ganhaste a aposta! Aqui estão os 5 escudos!

— Que bom, Mauricio! Então pensaste em Jesus?

— Mais do que isso, Genia: Jesus entrou dentro do meu coração, imagina! e agora que Êle lá está, quem pudera tirá-lO?

Rindo, ambos, os dois irmãos abraçaram-se radiantes e nunca mais o coração de Mauricio se mostrou taciturno nem egoista.

E quando chegou o dia de Natal, a alegria sincera de Mauricio e Eugénia parecia iluminar-lhes os semblantes, como lhes aquecia os corações!

★ ★ ★ ★ ★

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

CONTINUAÇÃO

VIII

Tinham passado quatro anos. Maria da Graça, com 18 anos feitos, e mesmo já perto dos dezanove, era hoje uma forte e linda rapariga instruida e prendada, geitosa para tudo.

Na vida calma da Freixeda o seu espírito desenvolvera-se como o seu corpo; e a sua actividade era tanta que enchia o tempo com as mais variadas ocupações.

D. Francisca entregara-lhe, havia dois anos, já, a direcção das roupas da casa; e à sexta-feira, pontualmente, lá ia Maria da Graça para a rouparia, com as chaves dos enormes armários onde, entre saquinhos de alfazema perfumada, sôbre largas prateleiras cobertas de panos de linho, se guardavam os lençoes, as fronhas, as toalhas.

E era para Maria da Graça um verdadeiro prazer tirar a roupa que ao sábado se punha de lavado, escolhendo cuidadosamente a que estava por baixo, e arrumar nos seus respectivos lugares a que as criadas tinham cosido e engomado nos dias anteriores. O arrumar daqueles armários, com o seu perfume campestre e asseiado, constituia para Maria da Graça um trabalho tão agradável que nunca sequer gostava que a ajudassem!

Duas vezes por ano Maria da Graça deitava a pequena chocadeira «Buckeye», com que o pai a presenteara pouco depois da chegada à Freixeda; e, mercê dos seus cuidados inteligentes, seguindo *à risca* os preceitos americanos, tirava sempre belas ninhadas de pintainhos, que faziam o encanto de todos e o seu orgulho. A caseira da Freixeda, que a princípio olhava com desdém a «*galinha de pau*», não querendo acreditar que de lá saíssem entes vivos e sãos, sentia pela *menina* um respeito quási supersticioso! E sempre que Maria da Graça ia, com ela, tirar as ninhadas da chocadeira, e instalá-las no *parque* apropriado, junto à creadeira, arregalava os olhos e assistia num silêncio comovido ao abrir da *galinha de pau.*

MARIA DA GRAÇA *(contando os pintos e tirando-os)* — Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

A CASEIRA, *(de mãos postas)* — Que galanteria!

MARIA DA GRAÇA — Sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze...

A CASEIRA *(abrindo muito os olhos)* — Nossa Senhora! *(E quando a conta passava de quarenta, a caseira sentia falta de ar).*

A CASEIRA *(esgazeada)* — Não que isto, a falar a verdade...

Finalmente, Maria da Graça tirava os últimos pintos; e então era a indignação habitual da gente do pôvo: ver os lindíssimos pintainhos sustentado a pó de carvão e cascas de ovos durante 48 horas! O certo é, porém, que a creação da Freixeda, tôda entregue à *Menina*, tinha fama muitas léguas em redor. No tempo da fruta faziam-se os belos dôces para guardar: vinham as primas Castel Branco ajudar, e lá estavam tôdas na cosinha, de enormes aventaes brancos, a encher boiões com dôces de ginja, morango, alperche, marmelo, chila, castanha. A par dêstes trabalhos domésticos a sua cultura intelectual era mais que vulgar para a sua idade!

Foi numa linda manhã de Outubro que Maria da Graça recebeu uma grande carta de João José, em Inglaterra havia um ano a especializar-se num curso técnico. Maria da Graça, sentada perto do velho plátano, aquêle mesmo onde João José tinha *o seu poiso*, como êle dizia, acabara de ler as duas grandes fôlhas de papel; e agora meditava...

A seus pés estava o *Gigante*, o enorme Castro Laboreiro que a olhava ternamente.

— Querido João José — pensava Maria da Graça — como êle gosta de mim...

Queria interrogar o seu coração; e não via claro dentro dêle...

Viu aproximar-se a mãe, que a chamava de longe.

D. FRANCISCA *(chamando)* Oh Graça!

MARIA DA GRAÇA — Estou aqui, Mãe e queria tanto falar consigo...

D. FRANCISCA *(sentando-se)* — Tiveste carta do João José? Que diz êle, filhinha?

MARIA DA GRAÇA *(devagar)* — Olhe, Mãesinha, diz... que quere casar comigo!

D. FRANCISCA *(contente, beijando-a)* — Que feliz vais ser com êle, Graça! Não foi sempre êle o teu companheiro predilecto? E tudo reúne: saúde, carácter, nome, fortuna...

MARIA DA GRAÇA *(hesitante)* — Talvez...

D. FRANCISCA *(admirada)* — Não te entendo, Graça! Pois não é o João José o teu maior amigo?! Será possivel que não gostes dêsse admirável rapaz?!

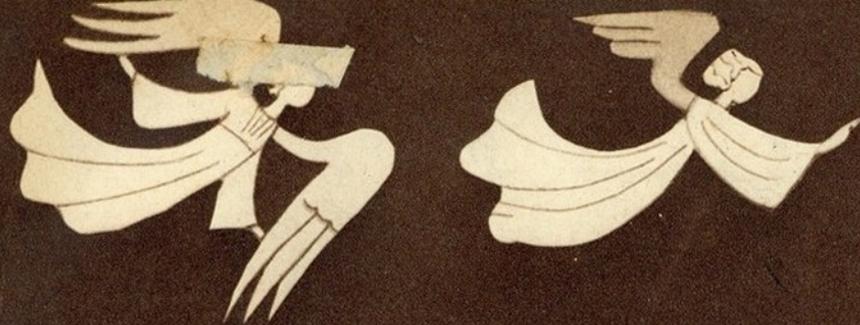
Mas Maria da Graça, triste sem bem saber porquê, desatou a chorar sôbre o ombro da mãe.

D. FRANCISCA *(inquieta)* — Mas minha filha...

MARIA DA GRAÇA *(chorando)* — Não me diga nada, Mãe; eu nem sei porque choro...

D. FRANCISCA *(acariciando-a)* — Eu sei, meu amor: ficaste comovida, com a declaração do querido João José; é bem natural, podes crer!

MARIA DA GRAÇA — Não é isso, Mãesinha, não é...

(Continua no próximo número)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

"E os homens não compreenderam..."

... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós,,.

Cristo, o próprio Filho de Deus feito homem. Eis uma realidade viva.

Uma realidade que tem que ser vivida.

O Filho do Altíssimo desceu até nós — incarnou e habitou entre os homens.

E os homens não compreenderam essa loucura de amor que foi até à morte — uma morte de cruz.

Os homens não compreenderam... E aos gemidos dum Menino, que vinha ensinar o Amor, os homens responderam com gritos de ódio.

Cristo disse: Fraternidade e os homens responderam: Fratricídio.

Meditemos na grande lição do Presépio!
Que lição de humildade!
Que lição de pobreza!

E os homens não compreenderam...

Enveredaram por caminhos de trevas.

Caminhos que são veredas de espinhos
que se seguem a sangrar

Caminhos, carreiros sem luz, que se seguem
a sofrer

e então num gargalhar de loucura, o vício, gritou, confundindo-se, mostrando a nú as suas carnes ulceradas, as suas chagas repugnantes que causam soluços de agonia, espasmos de morte.

Os homens não compreenderam...

O NATAL

Hoje em Portugal, o Natal, perdeu o seu verdadeiro significado, o seu sentido cristão.

Á's criancinhas, almitas em botão, dizem-lhes que se festeja o Pai Natal.

Aos homens, enganando-se uns aos outros, diz-se-lhes que é a Festa da Família.

Mascara-se o nascimento de Cristo, hoje em dia, como se fôsse um crime dizer ao mundo que nasceu um Salvador.

Mascara-se o Natal de Cristo, mascara-se Jesus sob as aparências ridículas dum mono — o pai Natal.

Divorciaram-se dois nomes que andaram sempre ligados — Natal — Presépio.

E o Natal passou a ter um significado pagão.

Tôda a beleza plástica do Presépio se perdeu e não foi só a plasticidade dessa imagem, foi todo o seu significado, todo o seu sentido cristão.

Hoje em dia, Natal terá tôdas as significações, ensinará tôdas as lições possíveis e imaginárias com excepção da única e verdadeira lição: a lição do Presépio — uma lição de humildade.

Cantemos aleluias. Adoremos Jesus no presépio e gritemos bem alto que Natal é sinónimo de nascimento de Cristo — síntese de amor e verdade.

E o Natal será então, um Natal português, um Natal Cristão.

MARIA DE LOURDES FONTES BELCHIOR M. L. P.